

CAPÍTULO 7

CRIAR IMPACTO

- 110 Apoiar as pessoas
- 111 **ACTIVIDADE 7.1**
Técnicas de negociação
- 112 Trabalhar em rede
- 113 **ACTIVIDADE 7.2**
Com quem devemos trabalhar?
- 114 Defender uma causa
- 119 Campanhas públicas

© Strategies for Hope



Voluntários em Ahmedabad, Índia, manifestando contra a estigmatização contra as Pessoas com VIH.

Todos nós, indivíduos e grupos, somos afectados pela comunidade em que vivemos e pela sociedade de uma forma geral. As pessoas com VIH/SIDA (PCVS) são, muitas vezes, discriminadas – os outros ignoram-nas, acusam-nas ou tem medo delas; existem, inclusivamente, políticas que as discriminam activamente.

É, assim, essencial que as PCVS possam participar no processo de tomada de decisões e na mudança das atitudes que afectam as suas vidas.

Existem muitas maneiras de mudar uma situação:

- Incentivando as pessoas ou as instituições a mudarem a sua forma de agir, fornecendo-lhes informação, negociando ou discutindo com elas.
- Servindo-se das leis ou criando políticas para mudar as formas de actuar, por exemplo, nos locais de trabalho e nos hospitais.
- Incluindo pessoas com VIH nos processos de tomada de decisões, por exemplo, como membros das comissões locais, das comissões de saúde, de assistência social ou das comissões nacionais de luta contra a SIDA.
- Lutar pela mudança das formas de agir e das atitudes através de campanhas que chamem a atenção do público para determinados temas.

APOIAR AS PESSOAS

Os grupos de apoio e de auto-ajuda podem ter um papel muito importante, ajudando as pessoas a resolver alguns problemas.

Ajude as pessoas a desenvolverem técnicas de negociação com os outros ou peça a um amigo ou colega para as apoiarem nesse sentido.

As negociações são bem sucedidas quando os argumentos são apresentados de forma convincente e sem agressividade. Uma negociação implica tomar uma decisão com outra pessoa, tendo em consideração as opiniões dos dois, sem, portanto, que uma delas decida pelas duas. Isso implica que a pessoa seja capaz de exprimir-se livremente e que saiba ouvir a outra. As duas têm de saber respeitar-se mutuamente e estar dispostas a fazer algumas concessões.

Pode ser útil praticar algumas técnicas de negociação no seu grupo, de forma a estar bem preparado para tratar temas difíceis com outras pessoas.

"O Women Fighting AIDS in Kenya (WOFAK) é um grupo de apoio a mulheres seropositivas. Uma delas pediu-nos ajuda – ela procurava um técnico de saúde que a ajudasse no parto, que lhe foi recusado por causa do seu estatuto VIH. Reunimo-nos com alguns técnicos de saúde da região e um dos médicos aceitou dar-lhe assistência durante o parto. Devido ao sucesso desta iniciativa, hoje damos informação e fazemos cursos de formação para técnicos de saúde, para que passem a temer menos a infecção".

WOFAK, Quénia



© Women Fighting AIDS in Kenya

Alegria-te: juntos podemos ultrapassar os problemas.

ACTIVIDADE

7.1

TÉCNICAS DE NEGOCIAÇÃO

OBJECTIVO: praticar técnicas de negociação.

1 Pense numa situação que gostasse de mudar e peça a dois voluntários do grupo para a representarem num jogo de situação, durante 3 a 5 minutos.

Por exemplo – negociar com o médico as opções de tratamento.

Uma PCVS quer que o médico lhe dê mais informação sobre os medicamentos que lhe receitou. O médico sugere um determinado tratamento para o seu problema de pele, mas ela recusa. Faça o jogo de situação baseado na conversa entre o paciente e o médico.

2 Outra pessoa ou o resto do grupo observam a situação e tomam notas, de acordo com os seguintes pontos:

- Que factores levaram o médico a prescrever este tratamento?
- Por que razão o doente recusa este tratamento em particular?

3 Depois do jogo ter terminado, analisem a situação:

Houve tempo suficiente para médico e paciente ouvirem as opiniões um do outro? Terá o doente ouvido com atenção os argumentos do médico? Terá o médico ouvido as razões do doente?

Como terá reagido o médico ao ter sido posto em causa? Qual terá sido a reacção do doente quando a sua opinião (sobre a sua própria saúde) não foi tomada em consideração?

Como encontrar uma solução que seja conveniente para os dois?

4 Discutam as notas tiradas pelo observador e utilizem-nas como ponto de partida para uma conversa mais alargada sobre a relação médico-doente, a pôr em prática já na próxima consulta.

Negociar com as pessoas pode, por vezes, melhorar uma determinada situação. Se ela não se resolver ou se se repetir, pode ser necessário pensar em negociar a mudança a um nível mais geral.



© International HIV/AIDS Alliance
Jogo de situação - convencer o bispo a apoiar o grupo. Equador.

Trabalhar em rede

Trabalhar com outras pessoas dá-nos mais força; juntando os nossos recursos, podemos conseguir um maior impacto na sociedade. Criar elos com outras pessoas pode:

- fazer com que elas ganhem consciência da existência e das necessidades das pessoas com VIH/SIDA;
- aumentar a eficácia do nosso próprio trabalho ao beneficiarmos, por exemplo, das técnicas e da experiência dos outros grupos;
- aumentar o impacto do nosso trabalho: por exemplo, os nossos resultados positivos podem ser utilizados e adaptados pelos serviços governamentais ou por outras ONGs;
- ultrapassar obstáculos: ajudando a mudar as leis que permitem que as empresas despeçam trabalhadores seropositivos, por exemplo.

Pode ser útil e importante formar parcerias com outras ONGs, outros grupos comunitários e instituições governamentais.

As redes de organizações ou de pessoas podem oferecer:

- a oportunidade para comparar ideias e experiências;
- um fórum para partilhar informação;
- um fórum para colaborar numa determinada actividade;
- uma voz colectiva para desafiar as pessoas que decidem ou exercem cargos de poder.

Estas redes podem ser constituídas por grupos que trabalham na área do VIH, mas também por grupos de pessoas que trabalham noutras áreas relacionadas com os membros do grupo – grupos de gays ou trabalhadores do sexo, por exemplo.

"REVS+ (Responsabilidade, Esperança, Vida e Solidariedade) é um grupo de apoio a Pessoas que Vivem com VIH/SIDA. No início, estávamos cheios de ideias, mas rapidamente percebemos que era difícil elaborar uma proposta de financiamento para enviar aos patrocinadores. Participámos num curso de formação sobre o tema, organizado por um outro grupo (Iniciativa Privada e Comunitária na Luta contra a SIDA). Foi bastante positivo ter feito o curso e ter tido este primeiro contacto pessoal. Hoje, fazemos parte de uma rede de associações de apoio a pessoas que vivem com VIH de quem, por exemplo, recebemos apoio técnico para desenvolver alguns projectos."

REVS+, Burkina Faso

ACTIVIDADE

7.2

© International HIV/AIDS Alliance



COM QUEM DEVEMOS TRABALHAR?

OBJECTIVO: analisar a utilidade das parcerias locais.

- 1 Coloque uma grande folha de papel na parede.
- 2 Escreva o nome do seu grupo no meio e faça um círculo à volta. Faça dois círculos maiores e escreva no primeiro "a nossa comunidade" e no segundo, o maior, "sociedade".
- 3 Peça aos elementos do grupo para pensarem noutras organizações com as quais possam trabalhar, como as associações de comerciantes e empresários, o Programa de Luta Contra a SIDA do vosso país ou organizações religiosas.
- 4 Escreva o nome de cada uma dessas organizações ou instituições dentro do círculo apropriado, por ordem de importância.

Definam os grupos com quem já têm bons contactos, aqueles com os quais não têm nenhum contacto e os que vos podem ser hostis. Veja a lista de objectivos na página 115 e defina com quem vai precisar de trabalhar.

"Nós organizamos, uma vez por ano, uma reunião com grupos associados. Chamamos "associados" a todas as ONGs que providenciam serviços para as PCVS. O objectivo desta reunião é analisar em que actividades nós, Pinoy Plus, nos enquadrámos melhor. Durante a reunião, as diversas ONGs referem as suas necessidades, tentam ver quem poderia prestar-lhes apoio, e se há associações a fazer trabalho em duplicado. Nós, por exemplo, anunciámos que precisávamos de material de escritório e um aparelho de fax.

Ainda temos algumas preocupações pois temos, muitas vezes, a impressão que estamos a ser utilizados e que o nosso envolvimento é meramente simbólico. Se o nome do nosso grupo é posto numa proposta de projecto, temos de nos assegurar que vamos participar nele desde o planeamento até à avaliação. Faremos workshops para outras organizações, mas hoje já não fazemos "qualquer coisa, em qualquer lugar", como no início. Percebemos que, muitas vezes, não tirávamos qualquer proveito das iniciativas. Agora damos prioridade a certos workshops, aqueles que sabemos poder fazer bem."

Archie Rivera, Pinoy Plus, Filipinas

Defender uma causa

Defender activamente uma causa implica transmitir a sua mensagem de forma a que:

- ela leve a uma maior compreensão, por parte do grande público, das questões ligadas ao VIH e de outros temas relacionados;
- ela possa conduzir a uma mudança das políticas, das leis e dos serviços.

O trabalho de uma campanha pela defesa de uma causa envolve acções quer a nível local, quer a um nível mais global, através, por exemplo, da representação em órgãos nacionais de tomadas de decisões.

"A Fundación EUDES é uma ONG de apoio a PCVS em que, quer os funcionários, quer os voluntários são seropositivos. Os membros da EUDES criaram uma residência nos arredores da capital, Quito, para as PCVS. Quando os moradores do bairro descobriram que a residência era para pessoas com VIH, reagiram muito mal. Os rumores começaram a espalhar-se e os membros que lá trabalhavam, assim como as pessoas que visitavam o centro, começaram a sofrer ameaças.

Os membros do grupo decidiram pedir ajuda e pensaram, para isso, em várias pessoas. O padre da paróquia local serviu de mediador, organizando reuniões com a comunidade e falando do projecto durante a missa. A boa reputação do padre fez com que as pessoas o ouvissem. O grupo contactou também a imprensa local, tentando persuadir alguns jornalistas a fazer uma cobertura mediática a favor do centro. A campanha de sensibilização e educação levada a cabo pelos media acabou também por dar os seus frutos. O medo e alguns preconceitos acabaram por ser ultrapassados.

As mudanças não surgem da noite para o dia. Com o tempo, no entanto, passou-se de uma situação em que o centro de acolhimento corria o risco de fechar, para outra em que o centro é, em grande medida, aceite."

EUDES, Equador

"De 1986 a 1990, a política cubana sobre SIDA decretava o isolamento obrigatório das PCVS (Pessoas Com VIH/SIDA) em sanatórios. Numa primeira fase, os familiares tinham apenas direito às visitas normais; pouco tempo depois, passaram a ter o direito de passar os fins-de-semana.

Em 1990, algumas das pessoas residentes no principal centro de prevenção e assistência de Cuba, o Sanatório de Santiago de Las Vegas, preocupadas com estas e outras questões, formaram o Grupo de Prevenção contra a SIDA (GPSIDA). O principal objectivo do grupo era educar e informar a comunidade sobre as questões ligadas à SIDA e lutar pelo direito das pessoas com VIH a serem tratadas com dignidade.

Depois de recebermos formação na área da prevenção, começámos a trabalhar com o Programa Nacional de Luta Contra a SIDA. Tentámos verificar, nomeadamente, se a informação que eles tinham era correcta e se contrariava os preconceitos que as pessoas têm em relação à infecção.

Os nossos alvos no terreno eram as escolas de formação de professores e os locais de trabalho. Com a TV e a Rádio conseguíamos atingir as famílias e os jovens.

O nosso trabalho levou a que, em 1993, os doentes internados nos sanatórios pudessem escolher entre continuar lá ou voltar para as suas casas, continuando a receber assistência (providenciada por uma rede de médicos de família



Dando assistência e apoio num centro de assistência comunitário no Equador.

DICAS E SUGESTÕES

Quatro etapas para uma luta eficaz

1. Trabalhe em coligação

- * envolva um grande número de grupos comunitários
- * estabeleça metas e objectivos realistas
- * formalize a sua coligação com um nome, símbolo e uma lista de associados
- * verifique se os membros e associados compreenderam e estão de acordo com os objectivos do grupo
- * estabeleça tarefas a curto prazo e objectivos a longo prazo

2. Investigue

- * quais são as necessidades da comunidade?
- * qual é a situação da comunidade - que pessoas poderá envolver no seu trabalho?
- * qual é a situação política actual - como conseguirá ter sucesso?
- * que críticas espera vir a ter?

3. Prepare

- * responda às inquietações e dúvidas das pessoas; explique a importância do seu programa; depois das reuniões, deixe material informativo à disposição da audiência
- * prepare respostas que apoiem a sua causa; reaja às críticas; tente manter a discussão serena

4. Eduque

- * o público
- * as pessoas responsáveis pelas políticas
- * os meios de comunicação social

baseada na comunidade). Esta foi a medida decisiva para a integração das PCVS na sociedade cubana. O GPSIDA formou e preparou pessoas para a mudança. Esses sanatórios foram, entretanto, encerrados".

Juan Carlos de la Concepción, GPSIDA, Cuba

LISTA DE OBJECTIVOS ANTES DE COMEÇAR UMA CAMPANHA DE LUTA

- Por que motivo quer combater a situação existente e o que espera obter?
- Em que questões, exactamente, se irá centrar e que mudanças quer que aconteçam? Escolha algumas mensagens-chave, explique claramente como pensa mudar a situação e mostre que é possível fazê-lo.
- Com quem vai querer trabalhar durante a campanha? Quem deve estar envolvido? Quem dará força à sua mensagem? (Poderá trabalhar com grupos para pessoas com VIH/SIDA, técnicos de saúde, grupos de defesa dos direitos humanos, advogados, pessoas célebres, líderes religiosos, políticos, sindicatos e ONGs?)
- Quem precisa de convencer? Os meios de comunicação, as pessoas responsáveis pelas políticas, as ONGs, o hospital, a igreja, a mesquita...?
- Que tipo de informação sustentará melhor os seus argumentos? (Verifique se tem todos os dados sobre a situação e se os seus argumentos são persuasivos e se apelam para os verdadeiros interesses das pessoas).
- Como e quando será comunicada a sua mensagem? (Por exemplo, através de cartas, reuniões, manifestações, comunicados de imprensa, entrevistas, boletins informativos?).

Fonte : Rau B., *Ten steps for HIV/AIDS advocacy*. AIDScaptions, Julho 1995



A OCAFI tem reuniões mensais com o Presidente da Câmara local, Cidade de Olanpago, Filipinas.

Ter lugar à mesa

Um dos passos mais importantes para conseguir mudar alguma coisa é envolver-se nos organismos de tomada de decisões. Cada vez mais grupos se têm envolvido a nível local, nacional e internacional, como representantes das Pessoas que Vivem com VIH/SIDA (PCVS).

"É importante para qualquer organização que trabalha na área do VIH/SIDA incluir PCVS, uma vez que somos nós, de facto, a ter a (primeira) experiência dos problemas. Em 1995, a Zimbabwe AIDS Network (ZAN) introduziu um sistema, através do qual o presidente da Zimbabwe National Network of People Living With HIV/AIDS (ZNPP+) se tornava membro da Comissão Executiva do ZAN. Isto traduziu-se num estreitar de relações entre várias ONGs e grupos de apoio a pessoas com VIH. Algumas ONGs passaram a empregar PCVS. A própria ZAN providenciou um local para os escritórios da ZNPP+."

Emilie Chigidwe, ZNPP+

Se este tipo de situação é muito, ela também pode trazer alguns problemas. O representante dos seropositivos é, muitas vezes, apenas um "símbolo" nessas reuniões. Frequentemente, também, as pessoas escolhidas como representantes não têm a habilidade e a técnica necessárias ou o conhecimento suficiente para participar activamente. Elas podem não representar a comunidade, falando apenas em nome dos seus próprios grupos. As pessoas que tomam decisões podem até dizer que consultaram a comunidade e as pessoas seropositivas, mas no fim, muitas vezes, as mudanças são poucas.

Poderá tentar minimizar estes problemas da seguinte forma:

- Em grupo, cheguem a um acordo sobre os pontos importantes que o vosso representante terá que defender e peçam relatórios depois das reuniões.
- Assegurem-se que os representantes são escolhidos por grupos ou redes de pessoas com VIH .

- Certifiquem-se que os vossos representantes nas comissões e nos conselhos onde são tomadas as decisões são tratados de forma igual aos outros, quer financeiramente, quer em termos de poder decisório.
- Treinem os vossos representantes em áreas como a assertividade e as técnicas de negociação. É também importante que eles se sintam confiantes em relação ao tema a discutir (por exemplo, uma formação jurídica básica é imprescindível antes de se envolverem numa campanha de luta contra a discriminação no trabalho ou nas prisões).
- Encorajem o envolvimento de PCVS que já detêm essas técnicas, conhecimentos ou formação como, por exemplo, advogados ou médicos.

"Eu estava a trabalhar para nada.... Pensei: "aqui estou eu, em conferências, a ter de falar com consultores, que não sabem nada e a quem pagam 900\$, e a mim... davam-me dois bilhetes para o transporte público". Assim, não, obrigado! Tive que lhes gritar "eu não posso fazer este trabalho de graça. Eu quero fazê-lo porque acredito nele e ele tem de ser feito. Mas vocês têm que me dar apoio!"

Winston, Canadá

"A Leadership Training Initiative visa formar e apoiar os líderes das comunidades de Pessoas que Vivem com VIH/SIDA a maximizar as suas contribuições, únicas e indispensáveis, na formação de programas de desenvolvimento, implementação de políticas, distribuição de serviços e avaliação dos resultados finais. As PCVS do estado de Nova Iorque concluíram que muitos dos nossos líderes com experiência estavam a ficar cansados, doentes ou a morrer. Não soubemos transferir, estruturadamente, as nossas técnicas aos futuros líderes...

A LTI recebe as pessoas interessadas através de um processo de candidatura. A LTI abrange áreas tão diversas como a história da liderança das PCVS do estado de Nova Iorque, liderança eficaz, identidade, diferença e VIH, organização comunitária, técnicas sobre como falar em público, etc. Os formandos são, então, encorajados a integrar órgãos de tomada de decisões como os conselhos e comissões governamentais. Esperamos que, eventualmente, alguns dos nossos formandos consigam os empregos - remunerados - a que as PCVS não têm, actualmente, acesso."

Jairo Pedraza, Programador da LTI

Veja a ficha informativa 3, na página 135, que consiste na "Declaração de Paris", declaração essa em que vários países se comprometeram a um "Maior Envolvimento das Pessoas que Vivem com VIH/SIDA" (em inglês, GIPA, "Greater Involvement of People with HIV/AIDS").

Direitos do homem e VIH

Algumas ONGs e indivíduos estão a utilizar os direitos do homem para lutar contra a discriminação que afecta as pessoas que vivem com VIH/SIDA ou que torna determinados grupos mais vulneráveis à infecção pelo VIH.

Todas as pessoas têm o direito a ser tratadas com igualdade e dignidade. A Declaração Universal dos Direitos do Homem foi redigida em 1948 e foi, entretanto, assinada por quase todas as nações. Outros acordos, mais recentes, comprometem as nações que os assinaram a garantir a prática desses e de outros direitos.

É óbvio que os direitos do homem não têm que ver apenas com a SIDA - muitas pessoas, por exemplo, ainda não têm acesso a todas as necessidades básicas.

O seguinte guia de trabalho visa documentar, monitorizar e combater os casos de abuso desses direitos. Esse guia é composto por seis elementos:

1. **Compreensão e adopção de uma visão comum** por todas as pessoas envolvidas.
2. **Acordo sobre a existência de padrões comuns** para os direitos do homem e disponibilidade para analisar as situações.
3. **Treino de capacidades e competências** que permitam aos indivíduos e grupos lutar pela defesa dos seus direitos.
4. **Dar confiança aos grupos vulneráveis**, permitindo-lhes que, assim, se organizem, tomem atitudes e resolvam problemas.
5. **Desenvolver instrumentos de luta pelos direitos do homem fáceis de compreender** e de utilizar, qualquer que seja o contexto.
6. **Existência de uma massa crítica**, composta por indivíduos pertencentes a organizações, meios de comunicação e sector privado, que se comprometa na defesa dos direitos do homem.

Fonte: Grupos de trabalho sobre Direitos do Homem da APN+ e da APCASO (veja, sobre este assunto, a ficha informativa 2)

Utilizar a legislação

A legislação pode estabelecer padrões na sociedade, impedir as pessoas de irem contra eles, e encorajar outras a reclamar os seus direitos. Em muitos países, novas leis foram introduzidas e outras mudadas, em reacção ao aparecimento da SIDA. Infelizmente, algumas dessas leis limitam os direitos das pessoas com VIH. Exemplos disso são o isolamento das pessoas com VIH, o exame médico obrigatório feito a presos e imigrantes, o teste VIH obrigatório para os trabalhadores do sexo ou a detenção de trabalhadores do sexo ou utilizadores de drogas injectáveis seropositivos.

A legislação, no entanto, também pode proteger as pessoas com VIH – por exemplo, proibindo a discriminação das pessoas seropositivas no trabalho e a obrigatoriedade do teste VIH quando se faz um seguro e ou se é candidato a um emprego. O apelo para o trabalho conjunto de organizações jurídicas e de organizações que lutam pelos direitos do homem, pode ser o primeiro passo do combate a esta discriminação.

Nas Filipinas, uma mulher seropositiva viu-se acusada de um crime quando se descobriu que estava grávida de um rapaz de 17 anos. Uma ONG que trabalha na área dos direitos cívicos procurou, com outras ONGs e alguns meios de comunicação, convencer os tribunais a anular a queixa contra a mulher e a tomar providências no sentido de lhe prestar apoio.

No Chile, durante algum tempo, os presos foram obrigados a fazer o teste do VIH com agulhas contaminadas! Uma ONG de gays e lésbicas (Centre Lambda Chile), entretanto, divulgou o incidente em conferência de imprensa, o que acabou por gerar uma onda de protestos e queixas contra as prisões, com o objectivo de acabar com este tipo de procedimentos degradantes e perigosos.

Fonte: An advocates guide to the international guidelines on HIV/AIDS and human rights

Alguns países têm políticas que proíbem a discriminação das pessoas com VIH ou SIDA se elas forem, por exemplo, funcionárias do estado. A adopção destas políticas por parte do governo acaba por ser um exemplo para muitas outras entidades empregadoras.

Na África do Sul, o governo proibiu a realização do teste aos candidatos a um lugar na função pública. Esta e outras leis são desenvolvidas e monitorizadas por uma comissão que inclui representantes seropositivos, estritamente ligada à Comissão de Leis da África do Sul.



Membros do CChPS, no Chile, fazendo uma campanha a favor do uso de preservativos.

Os governos também podem trabalhar para corrigir as causas dos abusos dos direitos humanos e reduzir a vulnerabilidade das pessoas mais frequentemente violentadas. Exemplos disso mesmo são os programas de assistência social para comunidades carentiadas e o fornecimento de recursos apropriados a programas ligados ao combate do VIH e da SIDA.

Organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, a Amnistia Internacional entre outras, também produzem informação e recomendações muito úteis (veja a lista de contactos, na página 121).

Campanhas públicas

Às vezes é necessário dar mais consistência e chamar a atenção para a causa em que está empenhado, através da realização de uma campanha pública.

Desenvolver uma mensagem-chave

Primeiro pense sobre aquilo que quer dizer. Quem são as pessoas que quer atingir? Como as irá atrair?

Não se esqueça que a sua mensagem deve ser:

- verdadeira
- adequada à sua audiência
- curta, específica e forte
- clara, numa linguagem simples
- positiva e inspiradora
- conhecida e aceite por todas as pessoas do seu grupo

Fazer passar a sua mensagem

Pense em:

- emblemas, crachás, autocolantes e canetas
- cartazes, posters e folhetos
- bandeiras e faixas
- anúncios nos jornais, rádio e televisão

Estes meios de fazer passar a sua mensagem podem complementados com folhetos informativos, brochuras, artigos e conferências em reuniões na comunidade.

As exposições podem ser um meio de captar a atenção das pessoas. O Projeto Names é um bom exemplo de como chamar a atenção das pessoas para o VIH/SIDA e de como as tornar mais conscientes sobre estas questões. Os quilts (um quadrado de tecido bordado pelos companheiros, amigos e família da pessoa com VIH que morreu) podem ser feitos em grupo – nos vossos próprios grupos, grupos comunitários, etc. – e usados como instrumento de consciencialização do público, em campanhas de luta. Os quilts são, habitualmente, pendurados em lugares públicos ou estendidos no chão em parques e jardins, sobretudo em datas importantes, como o Dia Mundial da SIDA.

As manifestações têm mais sucesso se mostrarem que as pessoas, para além de zangadas e revoltadas, transmitem também mensagens positivas. Recentemente, por exemplo, numa conferência regional sobre o VIH, os participantes seropositivos sentiram-se revoltados porque um trabalho artístico que representava “o sofrimento e a morte” havia sido financiado e exposto no recinto. No último dia da conferência, algumas pessoas fizeram uma manifestação em frente da escultura, cobrindo-a com quilts e arranjaram um porta-voz que explicou por que razão estavam revoltados. Demonstraram, ainda, que há outros trabalhos artísticos – como os quilts – que, se exprimem tristeza, também veiculam uma mensagem carregada de esperança.



Demonstração de quilts no Dia Mundial da SIDA, Chile



“Solidariedade - dignidade”